

## EDUCAÇÃO E CONSCIÊNCIA EM FREIRE

**Bárbara Xavier de Andrade**  
Universidade Estadual do Ceará  
b4b1z1nh4@hotmail.com

**Rutiele Lucas de Moraes**  
Universidade Estadual do Ceará  
rutiele@hotmail.com

**Mariana Menezes Amaral**  
Universidade Estadual do Ceará  
marianama.81@gmail.com

**Yasmin Zalazan Santos Conceição**  
Universidade Estadual do Ceará  
yasminzsc@terra.com.br

**Antônia Érica Teixeira Nascimento**  
Universidade Estadual do Ceará  
ericatn@hotmail.com

### INTRODUÇÃO

O trabalho em questão visa basicamente explicitar a proposta trazida por Paulo Freire no que se diz respeito ao estudo da alfabetização em adultos despertando uma consciência crítica no educando.

A proposta metodológica de Paulo Freire quebrou o paradigma de que a educação por si só conduz uma sociedade a libertação da opressão. Segundo Freire, a educação é um ato de conhecimento e conscientização, e é a partir de uma educação libertadora e transformadora, em que o homem assume um papel ativo no seu processo de alfabetização de forma crítica, é possível libertá-lo da alienação e conduzi-lo ao desenvolvimento de um pensamento crítico e libertador.

Paulo Freire parte de perspectiva mais direcionada ao processo crítico e político envolvido na educação das pessoas, que promove a passagem da consciência a um estado mais avançado: a conscientização. Freire vem justamente trazer em suas explicações como esse processo educacional, que envolve consciência e conscientização, pode situar-se em um âmbito libertador e transformador da realidade social.

Nesse sentido, a conscientização não parte unicamente do educador, na verdade, ele somente auxilia a organização dos conflitos emergidos durante o processo de alfabetização. A educação implica em um processo ativo em que o sujeito é o homem. A partir do momento que ele percebe que não está a “margem de algo” onde o centro seria a sociedade dominadora, e percebe-se como atuante no mundo a sua volta. Além de começar a compreender que a falta de conhecimento é relativa, que a ignorância total não existe e que não há um saber absoluto, a partir de então se inicia um processo de mudança interior rumo a conscientização.

Dessa forma, o método de Freire propõe uma passagem de uma concepção distorcida da realidade para uma percepção crítica da mesma.

Ao longo do texto, iremos desvelando a postura do pedagogo acerca do social, englobando questões como consciência, educação e liberdade.

## 1. ALFABETIZAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO

Paulo Freire traz o conceito de conscientização como ponto-chave de seus estudos sobre a educação, em virtude da profundidade de significado que esse termo representa para ele e da aplicabilidade relevante desse conceito ao manejo da realidade.

Sendo o homem o único ser dotado da capacidade de agir conscientemente sobre a realidade objetiva, Paulo Freire aplica o conceito de conscientização como elemento indissolúvel do processo de aprendizagem. A conscientização surge perspectiva a crítica quando comparada a tomada de consciência do homem.

O homem, inicialmente, ocupa uma posição ingênua diante da realidade observada, e, então, ao adotar uma posição crítica, chega à conscientização. Esta desmascara a essência fenomênica do objeto, trazendo ao homem a possibilidade de apreender e analisar de fato a realidade que para ele se apresenta. Quanto mais conscientização houver, mais nos aproximamos da realidade.

Um dos preceitos básicos para que de fato a conscientização ocorra é a existência de uma relação dialética entre a ação e a reflexão. É a partir dessa articulação entre a prática e o pensamento que o processo de se conscientizar caracteriza o homem como possuidor da capacidade de atuar e transformar a realidade social.

Assim, pode-se dizer que faz parte da conscientização, o compromisso histórico, visto que é o homem que pode, através desse processo, construir a história. É justamente a busca por estabelecer um diálogo da consciência com realidade que se forma o ato de conscientizar-se.

O processo de alfabetização política pode, por exemplo, implicar numa forma de controle ou numa forma de libertação dos homens, dependendo de como a prática da consciência é efetivada – se de forma plena (tornando-se conscientização) ou não. Assim, Paulo Freire reafirma o compromisso histórico que a conscientização implica. Esse processo envolve, então, em um só engajamento o ato de denunciar a desumanização e anunciar a humanização.

Para o autor em estudo, a conscientização está intimamente ligada à utopia, que ele não considera como algo irrealizável, mas, sim, como relação dialética permanente entre o ato de denunciar e o de anunciar, a partir do desenvolvimento de um pensamento crítico e do comprometimento com a realidade. Objetiva desmistificar a visão de mundo para se chegar à plena contemplação do trabalho do homem – que deve se colocar como instrumento de transformação contínua, buscando que a libertação dos homens seja de fato alcançada.

Em decorrência da contradição dialética existente – onde alguns trabalham a fim de manter as estruturas desumanizadoras e outros buscam transformá-las – aparecem as chamadas situações-limite. Aqueles que se sentem confortáveis com a situação-limite atual tentam a todo custo afugentar a possibilidade de transpor essas amarras para experimentar o novo, buscando manter o *status quo* e afastar o “perigo”. Aqueles que estão na posição contrária percebem que ultrapassando as barreiras impostas pela situação-limite, é possível realizar a humanização e suplantando a idéia de coisificação a que o homem tem sido submetido.

Propõe-se então que o homem através da abstração possa se desvincular dessa realidade que o coloca de mãos atadas. A partir do processo de abstrair, o homem estaria analisando uma situação codificada, e, após analisá-la, ao retornar do abstrato ao concreto, estaria promovendo uma decodificação, que quando realizada da forma coerente, acaba por

conduzir o homem à substituição do abstrato por uma consciência crítica da realidade concreta.

Em se tratando da educação, é viável utilizar-se a codificação e a decodificação para se obter uma melhor apreensão da realidade, através de uma posição crítica. Nesse método, o aluno codifica uma situação existencial real, por exemplo, na forma de um desenho. Assim, o aluno se distancia do objeto cognoscível em virtude dessa projeção, e é partindo dessa distanciação que se torna possível a reflexão crítica sobre aquele objeto. Na codificação, os alunos vêem e analisam suas próprias experiências ali representadas. Após essa reflexão, o objeto é decodificado e muitos aspectos que não eram evidentes outrora, agora podem ser percebidos. É justamente na fase de decodificação que o homem revela uma nova visão de mundo.

Paulo Freire explicita em seu texto várias idéias que devem permear a prática educativa, as chamadas idéias-força. Enfatiza a necessidade prévia de haver em toda e qualquer ação educativa uma reflexão do educador acerca do homem e da realidade concreta em que se encontra aquele a quem se pretende educar. Traz também a questão da relevância de promover reflexões por parte do sujeito acerca de sua posição concreta, favorecendo a tomada de consciência, para que a partir daí, ele possa se tornar um sujeito ativo no processo de construção dele próprio, da cultura vigente, enfim.

Assim, as concepções de Paulo Freire sobre a intrincada relação entre alfabetização e conscientização vão nos trazendo as questões que devem se articular para afastar o homem da condição de domesticação e alienação, a fim de desenvolver criticamente a consciência destes e chegar, finalmente, à conscientização – que se apresenta uma forma marcante de libertação do homem.

## **2. METODOLOGIA LIBERTADORA**

Os índices de analfabetismo no Brasil ainda são alarmantes, e muito do que concerne o subdesenvolvimento social e econômico advém dessa problemática. O analfabetismo é um fator que influi bastante para a falta de consciência política, dificultando o desenvolvimento econômico-social. Porém, quando se fala em alfabetização para adultos, uma série de questionamentos acompanha esse processo. Como alfabetizar adultos? Por onde iniciar esse processo? Pelas letras do alfabeto, pelas palavras ou pelos textos? Qual seria o melhor método para alfabetizar os adultos?

São muitos os métodos que trazem o conhecimento como “pronto e acabado”, colocando o aluno como um mero expectador do seu próprio processo de aprendizagem. Paulo Freire, porém é contra esses métodos “mecânicos” que induzem o aluno a uma posição de objeto e não de sujeito atuante nesse processo. É fundamental que o aluno se engaje para construir o seu saber, por isso o pedagogo é contra a imposição de práticas metodológicas com programas pré-estabelecidos, como as famosas “Cartilhas”, que de maneira alguma colocam o aluno como sujeito atuante em sua aprendizagem.

A relação entre educador e educando, neste ponto de vista, constrói-se de maneira horizontal, sem imposições e hierarquias, pois ambos são sujeitos no ato educativo. A partir do momento que se liberta dessa posição de autoridade do educador, que impedia o desenvolvimento de um pensar crítico e libertador no aluno, inicia-se um processo de democratização da cultura, um trabalho de conscientização e criticidade voltados para os campos do social e do político.

A elaboração do seu método pedagógico foi dividido em algumas etapas por Paulo Freire:

A primeira etapa foi denominada de *descoberta do universo vocabular*. Neste momento, é feito o contato inicial e direto com o grupo o qual se procura atingir a fim de se pesquisar, em campo, quais os vocábulos típicos daquele povo, quais as expressões dotadas de valor existencial para eles. Nesta fase, revelam-se resultados enriquecedores, mostrando bastante sobre a linguagem local, apontando as angústias e ansiedades das pessoas em relação ao processo. Tudo isso se dá em encontros informais com os eles.

Após esse contato, surgem às palavras geradoras, vocábulos que estão inseridos no contexto dessas pessoas, que possam permitir uma conscientização no aluno.

A segunda etapa refere-se à *seleção de palavras* dentro do universo vocabular. Nesta etapa, avaliam-se três critérios para esta seleção: a riqueza silábica, as dificuldades fonéticas e o conteúdo prático da língua. Uma boa palavra geradora é aquela que consegue auxiliar uma aprendizagem global e não fragmentada, que não leve a simples memorização, mas que tenha um potencial poder de conscientização, que possa gerar na pessoa uma possível reação sócio-cultural.

A terceira etapa remete a *criação de situações existenciais* típicas do grupo com quem se vai trabalhar. São situações desafiadoras, codificadas, carregadas de elementos que serão decodificados pelo grupo com auxílio do educador. São situações locais que no momento da discussão abrem possibilidades para análises de questões regionais e nacionais.

Na quarta etapa ocorre a *elaboração de fichas-roteiro* que irão auxiliar o educador no debate das situações. Tais fichas terão o papel de oferecer assistência ao Educador, e não possuem um caráter imperativo.

Na quinta etapa realiza-se a *elaboração de fichas que deverão apresentar as famílias fonéticas* presentes nas palavras geradoras.

Após a elaboração desse material, que poderá está disposto em cartazes ou slides, pode-se de fato dar início ao processo de alfabetização.

Inicialmente, apresenta-se a situação com a indicação de uma primeira palavra geradora. A partir de então se começa o debate. Com a mediação dos educandos são feita exaustivas análises revelando o processo de decodificação desta situação. Depois desse debate, o educador sugere uma visualização da palavra geradora pelos alunos, e não uma memorização. Feito isso, estabelece-se uma relação semântica entre a palavra e o objeto o qual a representa. Então se mostra ao aluno a palavra isolada sem a imagem do objeto. Logo, depois se apresenta outro dispositivo com a palavra separada em sílabas, e posteriormente a família silábica que constituem a palavra em estudo. Depois de analisado o conjunto das palavras, propõe-se a identificação das vogais.

De forma que quando o analfabeto se posiciona diante desse mecanismo de maneira crítica, não somente memorizando significados, começa a se estabelecer por si mesmo um sistema de sinais gráficos. Desde o início é proposto ao aluno à criação de palavras com as combinações fonéticas que lhe foram apresentadas através da separação silábica da palavra geradora.

As palavras geradoras são escolhidas depois de uma pesquisa feita em campo com o público alvo, como já dito anteriormente. Do mesmo modo, por exemplo, uma comunidade que vive na favela, a palavra *favela* pode ser geradora, porque está associada ao cotidiano e está possui inserida nas necessidades essenciais deste grupo como: moradia, segurança, transporte, saúde e educação. Realiza-se uma discussão sobre todos os aspectos possíveis a respeito dessa situação dada, mostra-se a relação semântica entre o objeto e a palavra correspondente.

Com o auxílio de um cartaz ou slide, apresenta-se a palavra *favela* e logo em seguida a sua separação silábica: *FA-VE-LA*. Feito isso, o educador pronunciará todas as sílabas, e posteriormente apresentará toda a família fonética que poderá ser feita a partir do *FA*, da

consoante que inicia junto às outras vogais, e assim sucessivamente com as outras sílabas da palavra. Formando as seguintes famílias de fonéticas:

FA-FE-FI-FO-FU  
VA-VE-VI-VO-VU  
LA-LE-LI-LO-LU

É pedido aos alunos que façam comparações entre as sílabas formadas, que eles reconheçam as diferenças entre elas, mesmo iniciando da mesma forma. Depois disso, é feito um exercício de fixação das novas sílabas formadas.

São feitas leituras em voz alta pelos alunos em coluna e em linha. Posteriormente pede-se a eles que formem palavras com as combinações possíveis: vela, fivela, vale, fava, luva, por exemplo. Além de exercícios orais, desde o momento inicial desse processo também se pratica a escrita.

Dessa forma, a alfabetização vai guiando-se em um caminho que não se restringe a memorização. É preciso que a cada novo tema o processo seja conduzido a partir do estado que se encontram os alunos, avaliando a sua linguagem, conhecimento, leitura e escrita, além das suas concepções sobre o mundo. A cada situação nova apresentada é preciso conduzir o aluno a uma nova conscientização da sua aprendizagem, despertando nele uma ansiedade por uma construção do seu conhecimento. Na medida em que o processo de aprendizagem vai caminhando, são planejadas novas situações, a partir do que lhes falta aprender, introduzindo novos conhecimentos que despertem o refinar da sua consciência em relação a sua condição de pessoa, que tanto contribuam para a melhoria da sua escrita como também a ampliação da sua leitura sobre a realidade. Tudo isso contribuirá para um aprimoramento da sua consciência política.

Freire cita um caso de um ex-analfabeto sobre o seu processo de desenvolvimento de uma consciência política:

Quando um ex-analfabeto do município de Angicos, pronunciando um discurso para o presidente Goulart (...) declarou que ele não era mais massa e sim povo, fez mais que uma simples frase: afirmou-se a si mesmo, consciente de uma opção. Havia escolhido a participação na decisão, que só povo possui, e havia renunciado à dimensão emocional das massas. Havia se politizado (1980, p.48).

Paulo Freire se propôs a desenvolver um método que desafiasse o espírito crítico dos homens em processo de alfabetização. O pedagogo adota uma concepção de liberdade dentro da educação que somente se efetiva quando o aluno torna-se sujeito nesse processo de uma maneira crítica e livre. É muito importante que os homens reconheçam-se como criadores de cultura, visto que é a partir dessa tomada de consciência que ele poderá exercer a sua vocação ontológica, ser atuante na construção da sociedade e mudança social.

Tudo isso mediante um método ativo, educativo, um método de diálogo que convoca o educando à crítica, modificando aqueles programas educativos que colocam o homem em uma posição passiva diante da sua aprendizagem, além de não lhe induzirem ao desenvolvimento de um pensamento crítico e libertador.

Quando o educando percebe-se como atuante no mundo em sua volta e como criador de cultura, constatando que toda criação humana é cultura, e que ele, como um intelectual, é criador também, passa a ocorrer uma mudança interior no analfabeto que caminha rumo à conscientização. Começa a compreender que a falta de conhecimento é relativa e que a ignorância total não existe: “O simples fato de ser, penetra o homem de conhecimento, controle e criatividade.” (1980, p.54)

A proposta metodológica de Paulo Freire na alfabetização de adultos foi altamente inovadora em relação ao que se conhecia até então. Aquelas “Cartilhas” que induziam a uma

aprendizagem mecânica contrapõe-se a proposta do pedagogo, que apresenta uma aprendizagem integradora e libertadora, com um forte teor ideológico que leva a formação de uma consciência crítica nesse educando.

### **3. LIBERTAÇÃO DOS OPRIMIDOS - Opressão, dependência e marginalidade.**

Paulo Freire em sua obra sobre a conscientização discorre a respeito da libertação daqueles que são oprimidos por uma elite numa sociedade opressora. Em sua concepção a libertação da opressão não deve ocorrer “para” os oprimidos, mas sim através destes por meio de um processo de conscientização. Além disso, a luta pela liberdade representa um ato de amor, ato que muitas vezes se converte em falsa generosidade, uma generosidade que se alimenta de uma ordem injusta e necessita dela para se justificar. Segundo Freire:

O opressor não é solidário com os oprimidos senão quando deixa de olhá-los como uma categoria abstrata e os vê como pessoas injustamente tratadas, privadas de suas palavras, de quem se abusou ao venderem seu trabalho; quando cessa de fazer gestos piedosos, sentimentais e individualistas e arrisca um ato de amor. A verdadeira solidariedade não se encontra senão na plenitude deste ato de amor, em sua realização existencial, em sua práxis (Freire, 1980, p.59).

Porém, Freire afirma que para haver uma libertação é necessário primeiro haver uma mudança radical na mentalidade dos oprimidos. Estes estão tão imersos na realidade opressiva que não possuem uma percepção clara de si mesmos, pois seu modelo de humanidade é o modelo da opressão e para serem homens precisam ser como os opressores, pois estes representam seu “tipo de homem”. Freire afirma que “é raro o caso de um camponês, promovido a chefe, que não seja mais tirano em relação aos seus antigos camaradas que o próprio proprietário” (1980, p.58). Neste sentido é preciso que nasça um “homem novo”, que não seja opressor nem oprimido, mas esteja em fase de libertação. Pois os opressores não podem nem libertar-se, nem libertar os outros e não é simplesmente invertendo os papéis que a opressão cessará.

Freire também destaca que uma característica do oprimido é o desprezo por si mesmo, que ocorre devido à interiorização da opinião dos opressores sobre ele, de tanto escutarem que são inferiores e incapazes, eles acabam acreditando nisso e devido à essa falta de confiança em si mesmo e da crença no poder do opressor, os oprimidos são emocionalmente dependentes.

Passando para um âmbito mais abrangente, o das sociedades como um todo, Freire afirma que não podemos compreender o subdesenvolvimento sem obter uma percepção crítica a respeito da dependência das sociedades-objeto, que atuam, na linguagem de Hegel, como um “ser-para-o-outro”, enquanto as sociedades que decidem por si mesmas e não vivem uma relação de dependência, atuam como sujeitos, como “ser-para-si”. “Destá maneira, a tarefa fundamental dos países subdesenvolvidos – o compromisso histórico de seus povos – é superar sua ‘situação-limite’ de sociedades dependentes, para converterem-se em ‘seres-para-si-mesmos’” (Freire, 1980, p. 62).

Das relações de dependência do Terceiro Mundo com as sociedades desenvolvidas, entre dominado e dominador, nasce uma “cultura do silêncio”, em que a sociedade dependente não tem uma voz autêntica, mas sua voz é um eco da voz da metrópole. A consciência dessas sociedades dependentes é uma consciência historicamente condicionada pelas estruturas sociais, que tem por principal característica a sua imersão na realidade

concreta, de forma que a consciência dominada não tem a capacidade de se distanciar desta realidade para objetivá-la e conhecê-la de maneira crítica. Freire caracteriza essa consciência como “semi-intransitiva”. Desta forma, uma sociedade dominada, para se libertar, precisa deixar essa consciência e adquirir o que se chama de “percepção estrutural”, entrando num período de transição em que as massas, antes conformadas e silenciosas, passam para um novo estado e vão rompendo pouco a pouco a “cultura do silêncio”. Porém esse movimento também leva as elites a procurar maneiras de se reestruturarem e buscarem novas formas de dominação.

Freire traz, então, essa questão para o problema do analfabetismo. Segundo ele “a percepção não-estrutural do analfabetismo tem revelado uma visão errônea dos analfabetos, como homens marginalizados” (1980, p. 73). Desta forma, os analfabetos são considerados como seres “fora de” ou “à margem de” algo e esse algo seria o que está no centro, ou seja, os padrões da sociedade dominadora. Porém, a aceitação desta concepção, nos leva a acreditar que o analfabeto seria um “homem doente” e a alfabetização representaria a “cura”. Dentro desta visão, os programas de alfabetização não seriam nunca instrumentos que levariam o homem à conscientização e à liberdade, mas sim, instrumento usado para imergi-lo mais ainda na realidade em que vive, nunca colocando em questão esta realidade. Porém, segundo Freire:

[...] estes homens – analfabetos ou não – não são marginalizados. Repetimos: não estão “fora de”, são seres “para o outro”. Logo, a solução de seu problema não é converterem-se em “seres no interior de”, mas em homens que se libertam, porque não são homens à margem da estrutura, mas homens oprimidos no interior desta mesma estrutura (1980, p.75).

Dessa forma, Freire propõe um processo de alfabetização que desmistifica a realidade, tirando esses homens da alienação e do status de “marginalizados” e inserindo neles uma consciência crítica.

#### **4. LINHAS DE AÇÃO - Nova relação pedagógica, ação e revolução cultural.**

Paulo Freire propõe uma nova relação pedagógica no processo educacional. Esse novo método de relação educador-educando contrapõe-se ao método convencional, que além de opressor e alienante, possui um caráter essencialmente narrativo e “bancário”.

Narrativo, pois o professor exerce papel de narrador e os alunos, passivamente, apenas escutam; o conteúdo narrado emerge para eles como um conteúdo sem vida, a realidade ditada pelo professor aparece como estática, imutável, já acabada. Narrações que para os alunos não representam coisa alguma. Por isso Freire afirmava que a educação padecia da “doença da narração”.

E quanto ao conceito de caráter “bancário”, deve-se ao fato de que não há uma comunicação interativa entre professor e alunos, ou seja, o conteúdo é simplesmente “depositado” nos alunos pelo professor. De acordo com essa concepção bancária, os alunos são ignorantes e os professores são dotados de amplo conhecimento. A relação de aprendizagem nesse caso é uma via de mão única: o professor é o único que tem o poder de educar, pois ele é o possuidor de conhecimento e os alunos não fazem nada além de absorver e repetir o conteúdo, permanecendo em suas posições passivas de seres ignorantes. A educação bancária jamais pode permitir que os educandos se coloquem ao nível do educador, visto que isso arriscaria acabar com a opressão sobre a classe dominada e seria um passo inicial para o processo de libertação e tomada de consciência dos alunos alienados.

No entanto, mesmo com a forte e imobilizadora concepção bancária, cedo ou tarde, os educandos perceberão a situação de opressão em que se encontram, as contradições da realidade que lhes é transmitida, a desumanização a que são submetidos e buscarão uma saída para libertar-se. Esse processo de luta pela libertação se dará de forma mais acelerada com a presença de um educador revolucionário, que compreenda e expresse aos seus alunos, outrora alienados, a importância de uma educação crítica, humanizadora e problematizadora. Esse educador deve, também, colocar-se ao nível dos educandos, criando uma relação mútua de aprendizado, humanização, confiança e muito esforço e compromisso, de ambos os lados, para que os alunos internalizem o pensamento crítico.

Além das características citadas acima, a educação crítica não pode, sob hipótese alguma, ir de acordo com os interesses da classe opressora. Ao contrário, ela deve revolucionar. Portanto, o processo de conscientização, através da educação crítica, não admite uma posição de neutralidade. E deve ser contínua no sentido de considerar o homem como um ser histórico e em constante mudança, inserido numa realidade também inacabada e dinâmica, em evolução. Os homens, no processo de educação problematizadora, jamais devem se perceber como seres imutáveis, como se vivessem presos num estado de imobilidade do qual não têm opção de se libertar. Esse estado deve emergir para eles como um desafio, um incentivo à superação e à transformação.

Outro aspecto imprescindível a esse processo da educação é o diálogo. O diálogo é, segundo Paulo Freire, o caminho que guiará os homens à compreensão do seu próprio significado. O ato de dialogar não pode se basear no ato de depositar conhecimentos, nem em troca de idéias ou discussões que têm o propósito de impor uma verdade. Pois não existe diálogo numa relação dominante-dominado ou opressor-oprimido. O pedagogo nos mostra que não pode haver diálogo sem que haja amor, fé, humildade e esperança. Além de tudo isso, é necessário que ambas as partes que dialogam tenham compromisso com o pensamento crítico. O diálogo é essencial para a ação revolucionária que é a educação crítica.

Outros preceitos básicos para a realização da educação como ação revolucionária são os conceitos de ação cultural e revolução cultural. Freire explica que um projeto revolucionário é essencialmente ação cultural, depois converte-se em revolução cultural.

No entanto, a ação diferencia-se da revolução, pois a primeira pode ser de dois tipos: a ação cultural libertadora, que se caracteriza pelo diálogo e pela conscientização crítica das massas; e a ação cultural dominadora, que visa a domesticação das massas, opondo-se ao diálogo e à conscientização. Enquanto a revolução cultural só admite uma finalidade: a liberdade. Além disso, a ação cultural que liberta, empreende uma luta contra a classe dominadora do poder; a revolução cultural, por sua vez, é um movimento que se dá em parceria e harmonia com o poder revolucionário, o que não significa, contudo, que esteja submissa a este poder.

A ação que visa a libertação deve preocupar-se em explicar cientificamente a realidade e em denunciar a ideologia mistificadora, fazendo a devida separação entre ciência e ideologia. Quanto a isso, assemelha-se à revolução cultural, pois ambas baseiam-se na leitura científica da realidade. Além de ambas possuírem caráter de conscientização crítica, ambas requerem uma união entre o líder e o povo e expressam um grande esforço na luta para destituir do plano cultural a dominação de determinada cultura, antes que esta se converta em realidade.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após algumas ponderações sobre o tema foi possível mostrar quão inovadora foi a proposta metodológica de Paulo Freire, que visa promover a alfabetização no adulto aliada a promoção de um pensamento crítico e libertador no educando. Diferentemente dos métodos mecânicos, que através das suas técnicas induzem a coisificação do educando, que não assume um papel ativo no seu processo de alfabetização, muito menos elaboração de uma consciência crítica.

O método de Freire destina-se a promover uma alfabetização libertadora. Esse processo concretiza-se a partir de um posicionamento ativo e crítico do educando, que é construído a partir do momento que ele percebe que assim como não há uma totalidade de conhecimento, não existe ignorância absoluta. Tal posicionamento resulta na percepção do educando de que ele é, tanto quanto seus educadores, ser atuante e formador de cultura na sociedade. Dessa forma, o sentimento de estar à margem da sociedade em que vive deixa de existir e dá lugar a uma consciência de ser social.

Freire criou muito mais do que um método de alfabetização de adultos, ele elaborou uma proposta pedagógica de cunho político e social. Em sua época, foi gerador de muita discussão e levou a própria educação a repensar-se, fazendo com que os educadores revessem sua concepção de educação e passassem a enxergar em cada educando um ser social, histórico, cultural e sempre ativo na sociedade. Atualmente, a educação em quase todo o país tem sua base nas idéias de Paulo Freire, que continuam, décadas após sua concepção, sendo discutidas e aperfeiçoadas.

Assim sendo, discorreremos sobre alguns dos principais temas abordados pelo autor, como liberdade, educação e conscientização como elementos essenciais na construção do indivíduo.

## REFERÊNCIAS

ATUALIDADES da Proposta Educativa de Paulo Freire. Disponível em: <http://www.faculdadeages.com.br/atualidade%20da%20proposta%20educativa%20de%20paulo%20freire.pdf> Acesso em: 13 de setembro de 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é o método Paulo Freire**. 29ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e Prática da Libertação – Uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire**. 3ª Ed. São Paulo: Editora Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 13ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

PAULO Freire Método de Alfabetização de Adultos. Disponível em: [http://www.paulofreire.ufpb.br/paulofreire/Files/revista/Paulo Freire e o Metodo de Alfabetizacao de Adultos.pdf](http://www.paulofreire.ufpb.br/paulofreire/Files/revista/Paulo%20Freire%20e%20o%20Metodo%20de%20Alfabetizacao%20de%20Adultos.pdf) Acesso em: 13 de setembro de 2009.

PSICOLOGIA, Ética, Humanismo e a Liberdade de Ser Humano. GUIMARÃES, C.A.F. Disponível em: <http://www.geocities.com/Vienna/2809/Fromm.html> Acesso em: 13 de Set. 2009.